



UNIÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE PARAÍSO

AS VÁRIAS FORMAS DO TRABALHO ORAL NO ENSINO INFANTIL: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO.

MARIA HELENA DE MATOS

ORIENTADORA: PROFESSORA EDYNA MALDI BORGES

**São Sebastião do Paraíso/MG
2009**

AS VÁRIAS FORMAS DO TRABALHO ORAL NO ENSINO INFANTIL: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO.

MARIA HELENA DE MATOS

Monografia apresentada à UNIESP -
União de Escolas Superiores Paraíso,
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Esp. Edyna
Maldi Borges.

**São Sebastião do Paraíso/MG
2009**

AS VÁRIAS FORMAS DO TRABALHO ORAL NO ENSINO INFANTIL: COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO.

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que estiveram em meu caminho, principalmente minhas colegas de Jacuí, de classe e meus filhos.

Colocando ou retirando pedras, meu muito obrigado...

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor, pelo dom precioso da minha vida.

Obrigado por minhas colegas e pelos meus filhos.

Por todos que fizeram parte desta história, e que me ajudaram a crescer e ser mais gente.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
1- O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NO ENSINO INFANTIL.....	8
1.1 Literatura infantil , conceitos e funções.....	8
1.2 A importância do saber contar histórias na educação infantil.....	10
1.2.1 Os contos de fadas.....	13
2-TRABALHANDO O TEATRO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	18
2.1 Teatro na escola: linguagens e prática do sentido.....	18
2.2 Os jogos dramáticos: aprendendo a fazer teatro.....	20
2.3 Atividades de dramatização em grupo.....	21
2.4 Tipos de atividades com teatro.....	22
2.4.1 Teatro de máscaras.....	22
2.4.2 Teatro de sombras.....	23
2.4.3 Teatro de fantoches.....	24
2.4.4 Teatro de varas.....	25
2.4.5 Pantomima.....	26
2.5 O teatro como proposta lúdica focando o interesse da criança em aprender.....	27
3.O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
3.1 A música e o desenvolvimento afetivo.....	32
3.2 A música como fator de influência para melhorar no processo de aprendizagem.....	35
3.3 Brinquedos de rodas e a música.....	39
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

RESUMO

A oralidade é um positivo aspecto da cultura de um povo, mesmo sem letramento, sem instrução formal, por ser a veia da fala social. É, sem hesitação, no educando, um dos fatores essenciais para que um professor possa referendar o processo ensino-aprendizagem, através de suas múltiplas falas. Este trabalho consiste em demonstrar, as várias formas do trabalho oral no ensino infantil: comunicação e expressão, identificando as práticas de oralidade e sua importância para a Educação Infantil. A linguagem verbal é o instrumento básico da comunicação e representação dos seres humanos e é o que nos identifica como tal. Desde a infância até a vida adulta, a linguagem é o verdadeiro motor do pensamento, o que nos permite ativá-lo e organizá-lo.

Palavras-chaves: Oralidade, comunicação, criança.

INTRODUÇÃO

Este estudo torna-se importante uma vez que ao promovermos experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de trabalho com a linguagem oral,, propiciamos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades, associado às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

Esta pesquisa procurar-se-á demonstrar que, o enfoque de trabalho da língua oral deverá ser basicamente procedimental, isto é, a maioria dos conteúdos que as crianças aprendem são procedimentos de utilização da língua, através dos quais aprendem atitudes e conceitos relacionados com a linguagem.

Os objetivos aqui propostos foram estes: descrever o desenvolvimento da narrativa no ensino infantil; buscar entender a importância do teatro como forma de expressão no ensino infantil; investigar o papel que a música desempenha na construção da oralidade na educação infantil.

Este estudo foi baseado em fontes documentais, bibliográficas, que inserem o contexto aqui proposto. Utilizando do método comparativo, poderemos descrever a importância do trabalho oral na educação infantil, como forma de melhor aprendizagem, comunicação e expressão.

CAPÍTULO I

O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NO ENSINO INFANTIL

A narratividade no ensino infantil é de suma importância uma vez que contar e ouvir histórias é sempre um convite à descoberta.

“É saboreá-la em pedaços, sentindo a diferença de cada gosto. Doce, amargo, com gosto de sal, e por vezes, levemente temperada”. (Yunes, 1989, p. 4).

O professor tem que entender a vontade se apropriar da história que o ouvinte quer. Essa história deve ser recontada por muitas vezes. Assim o professor conseguirá com precisão atingir as metas do desenvolvimento da criança a partir da narração.

Sabemos que a humanidade passou e passa por histórias e que estas foram impressas na oralidade fazendo com que o indivíduo pudesse absorver e entender melhor os fatos.

1.1 – Literatura infantil conceitos e funções

O conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre os estudiosos do assunto.

Há aqueles que defendem que é o objeto escolhido pelo seu próprio leitor, outros que é o objeto de formação de um agente transformador da sociedade e há até aqueles que questionam o fato de existir uma literatura infantil ou dela ser uma questão de estilo.

Os livros de literatura infantil quando bem trabalhado pelo professor, estimula a capacidade do ser humano, ou seja da criança, não trabalhando a subjetividade.

Estes professores poderão criar espaços de conhecimento reflexivo, de modo que podem, por sua vez, guiar seus alunos na contínua ampliação dos saberes.

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra. É entre os oito e treze anos de idade que as crianças revelam maior interesse pela leitura.

É muito importante a fantasia, o imaginário no ser humano, pois tudo isso propicia o raciocínio, as crianças ao se defrontar com as situações cotidianas, transfere para o imaginário, e conseguem estimular o seu aprendizado, e também compreender as situações.

A criança que está familiarizada com livros de literatura infantil compreende que estes lhe falam na linguagem de símbolos e não na linguagem da realidade cotidiana. Para dominar os problemas psicológicos do crescimento, superar decepções narcisistas, dilemas edípticos, revalidades fraternas, abandono de dependências infantis, e autovalorização, a criança necessita entender o que está se passando dentro de si. (ZILBERMAN, 1994, p. 15).

É neste ponto que a literatura infantil tem um valor inestimável, oferecendo novas dimensões à imaginação da criança, para aquilo que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só.

A relação da narrativa com a realidade que nos cerca não é um dado ilusório desta mesma realidade.

A diferença entre os acontecimentos de uma narrativa e os da vida é que aqueles são mais atraentes do que esta, e o que nos instiga à leitura de um texto artístico é aquilo de interessante que ele nos tem para dizer. Os personagens imaginários preenchem vazios da realidade.

Ao se falar em função da literatura infantil, não se quer afirmar um juízo de que exista a função. A verdade é que a formação da criança passa por toda uma aventura repleta de percalços e o pior é que ninguém disso escapa.

A relação tão próxima entre esse gênero da literatura (infantil) e a pedagogia (aqui num sentido menor do termo) acabou significando para alguns uma degenerescência da própria idéia de literatura.

O fato de a burguesia se apropriar definitivamente da literatura infantil a fim de servir-se dela como seu instrumento de propagação ideológica, acentuou ainda mais a concepção de que não estamos diante de literatura.

Desta forma, como pontua ZILBERMAN (1994, p. 126): “Cabe colocar a questão não apenas a partir de uma sociologia da infância, mas tomar como base a vivência que esta tem do mundo, a nível propriamente existencial”.

O problema se instala exatamente pelo fato do adulto supor que a criança não passa de um “espaço vazio”. Não resta dúvida que a criança ainda não é portadora

daquelas experiências que só o tempo dará; todavia, o que parece estar em jogo mesmo é sua impotência no tocante à ordenação das vivências.

A história vai criando uma ilusão do real e assim mexe com toda a estrutura da criança. No que diz respeito à linguagem, esta se confunde com o conhecimento propriamente dito, o ler se construindo como uma armadilha sagaz de aquisição do saber.

A verdade é que a literatura infantil oferece, pode-se dizer assim, uma válvula de escape (ou ao contrário) para que a criança “fantasie” suas compreensões e alargue sua percepção.

O que não pode estar assegurado é conduzir a mesma sob forte pressão opressiva, ou seja, o que importa é única e exclusivamente a ótica do adulto, onde se faz presente a sua formação, quer de cunho moral, quer de cunho ideológico. Ainda que tudo se evidencie, é claro que o adulto irá sempre se postar na defensiva alegando que não há “doutrinação”.

Apesar das questões levantadas, a literatura infantil pode oferecer à criança não só um apanhado histórico consistente, como contribuir satisfatoriamente para um alargamento de seu universo lingüístico.

Desta maneira, não se pode mesmo falar em avanço literário. A fantasia se ajeita naquela dimensão compensatória, pois desfila um vasto contingente de miseráveis.

Se o real é muito duro, fere a dignidade humana, então, mascara-se, embeleza-se o que for necessário, modificam-se as circunstâncias e obscurece-se aquela área que não interessar.

A literatura infantil, apesar de tudo o que se exarou acima, não poderá jamais ser atacada como dispensável, desde que toda a fantasia que lhe é peculiar, não seja uma grotesca e arrogante manipulação ideológica.

Ademais, os verdadeiros problemas desta modalidade, nas palavras de ZILBERMAN (1994, p. 131): “São conflitos vividos entre ser ou não ser literatura, o que não significa necessariamente uma diluição na generalidade da arte literária, devido à constituição específica de seu recebedor.”

1.2– A importância do saber contar histórias na educação infantil

Um dos principais objetivos de se contar histórias é o da recreação. Mas a importância de contar histórias vai muito além.

Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança na força do bem, proporcionando a ela viver o imaginário.

Além disso, as histórias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação (entre as figuras e o texto lido ou narrado) o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais (toda história tem princípio, meio e fim) .

Os enredos geralmente são organizados de forma que um conteúdo moral possa ser inferido das ações dos personagens e isso colabora para a construção da ética e da cidadania em nossas crianças.

Nas escolas, principalmente nas instituições de educação infantil, cabe aos professores a responsabilidade de incentivarem e promoverem a leitura.

A criança aprende a narrar por meio de jogos de contar e de histórias” (BRASIL, 1998, p.140).

O ato de contar e encantar na Educação Infantil através dos contos literários serve a muitos propósitos, a começar pela formação pedagógica, intelectual e espiritual do ser humano. Por meio dos contos podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos e introduzir conceitos éticos.

Muitas vezes, pelas exigências dos currículos escolares, os educadores lêem as histórias para as crianças de forma mecânica não chegando a atender aos objetivos a que se propõem nos planos de aula.

Ler histórias para crianças é importante, mas é preciso saber lê-las com expressão, pausas e entonações adequadas.

“Na educação infantil, em especial, a narração tem um poder muito significativo de transmitir informações, culturas, e pode ser usada em diversas situações e intenções”. (PERONI,1992, p.13)

O surgimento da cultura letrada exigiu, pois, do homem, um envolvimento diferenciado com a linguagem escrita; ser leitor e produtor de textos; e, paralelamente, são necessárias instâncias educativas capazes de oferecer .

As histórias na educação infantil são fundamentais na formação educacional da criança, em especial no início da escolaridade.

Para o desenvolvimento de tal atividade deve ocorrer todo um planejamento, pois se trata de um momento mágico que a criança irá vivenciar e absorver algo que venha a identificar com ela naquele instante.

Por ser considerada uma atividade tão importante na educação infantil, sugerimos aos professores que lidam com crianças dessa fase algumas orientações que poderão beneficiar e conseqüentemente propiciar o desenvolvimento contínuo da criança no desenvolvimento da linguagem.

Alguns critérios devem ser seguidos como: livros com poucos textos, linguagens simples, maior número de ilustrações, sendo essas grandes e sugestivas e que satisfaçam o desejo dos alunos.

Ouvir histórias é um acontecimento tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades.

Se os adultos adoram ouvir uma boa história, um bom caso, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa.

A narrativa faz parte da vida da criança desde quando bebê, através da voz amada, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a narrativas curtas sobre crianças, animais ou natureza.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida.

A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família.

À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreender melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegado a quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros. (TAKEMOTO, 2005, p. 20).

É essencial o papel da família nesta questão, somado junto com o trabalho do professor pode contribuir de forma decisiva no cognitivo da criança e no seu pleno desenvolvimento.

Tanto na escola como em casa ao se narrar uma história, é importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse.

A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos.

Desenvolver o interesse e o hábito pela leitura é um processo constante, que começa muito cedo, em casa, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira. Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura.

Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolverá na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida afora.

Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar e ofereça certa variedade de livros de literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que ela se encontra.

1.2.1- Os contos de fadas

Sabe-se como é importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, tendo um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. É poder sorrir, gargalhar com situações vividas pelos personagens e com a idéia dos contos, então, a criança pode ser um pouco participante desse momento de humor, de brincadeira e aprendizado

Os contos também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo

defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história

Plenos de significados, com estrutura simples, histórias claras e personagens bem definidos em suas características pessoais, os contos de fadas atingem a mente das crianças, entretendo-as e estimulando sua imaginação, como nenhum outro tipo de literatura talvez seja capaz de fazer, assim contribui para a formação e até para a transformação da personalidade desses pequenos leitores.

Sugerindo soluções simples, os contos, já que, referem-se aos problemas interiores, promovem o desenvolvimento de recursos internos e criam soluções para tais dificuldades a serem enfrentadas no decorrer do seu crescimento. É o que afirma Bruno Bettelheim:

"Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança". (BETTELHEIM, 2004, p-20)

Bruno apenas diz que, num conto de fadas, os processos internos são externalizados e tomam-se compreensíveis enquanto representados pelas figuras da história e seus incidentes

Assim, a suprema importância dos contos de fadas para as crianças em crescimento, reside em algo mais do que ensinamentos sobre as formas corretas de se comportar, eles são terapêuticos, porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a "estória" parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida.

Tomando característica marcante dessa área, o poder de lidar com conteúdos da sabedoria popular e conteúdos essenciais da condição humana, por isso, eles vivem até hoje e continuam envolvidos no mundo maravilhoso, universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real e concreta, sempre lidando com emoções que qualquer criança já viveu.

Desde os primórdios, a literatura infantil surge como uma forma literária menor, apenas expressando um ato de linguagem ou representação simbólica de alguns fatos, os quais, nem sempre eram reais.

Como se sabe, a literatura infantil contém em seu abrangente conteúdo vários tipos de textos representativos como é o caso das fábulas, o apólogo, a lenda, o conto maravilhoso, os contos de fadas e etc.

Então, vista a necessidade de escolher diante de tanta oferta em literatura a mais criativa e eficaz na alfabetização, a indicada vem a ser os contos de fadas, os quais, tratam de problemas humanos universais como, por exemplo, a solidão e a necessidade de enfrentar a vida por si só, mas de uma maneira simbólica

Em sua origem, os contos de fadas nada mais eram do que relatos de fatos da vida dos camponeses, recheados de conflitos, aventuras e pornografias sendo assim, pouco indicado a ser contado para as crianças.

Esses relatos apenas serviam como entretenimento; anos mais tarde com a descoberta das fadas, que eram idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, a qual era dotada com poderes sobrenaturais, vê-se a necessidade de utilizar tais histórias alienadas também à educação, já que as crianças gostavam muito desses contos e a fantasia inserida neles, estava ajudando a formar a personalidade dessas pequenas pessoas.

O reconhecimento da edição dos contos de fadas, como conhecemos hoje, surge na França no fim do século XVII sob iniciativa de Charles Perrault (1628 - 1703). Ao contrário do que se possa ser pensado, Perrault não criou as narrativas de seus contos, mas as editou para que estas se adequassem à audiência da corte do rei Luiz XIV (1638 - 1715).

Foram às narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantas e serventes que forneceram a matéria-prima para estes contos. Apesar do distanciamento da camada popular e do desprezo pela sua cultura, a classe nobre só conhecia tais narrativas devido ao inevitável contato por meio do comércio ou pelas presenças das governantas e outros serviços em suas residências. Após coletar tais narrativas, Charles Perrault eliminou o quanto pôde as passagens obscenas ou repugnantes que continham incesto, canibalismo e sexo grupal para manter o seu apelo literário junto aos salões letrados parisienses.

Já no Brasil, a adaptação do modelo europeu que chegava, abrangia todo tipo de literatura até então usada, sendo assim também apropriada para o projeto educativo e ideológico que via no texto infantil (principalmente os contos de fadas) e na escola aliados indispensáveis para formação de cidadãos.

Essa formação, que utilizava tais textos aconselhavam em suas páginas principalmente o patriotismo, o amor e respeito à família e aos mais velhos, a dedicação aos mestres e à escola, a piedade pelos pobres e fracos.

Neste clima de valorização da instrução e da escola, simultaneamente a uma produção literária variada, inicia-se um período de preocupação generalizada, devido à carência de material adequado à leitura para crianças brasileiras, já que, apenas era o começo da utilização dos contos, e histórias na escola.

Nestas lamentações de ausências de material de leitura e de livros para infância brasileira, fica clara a concepção, bastante comum na época, da importância do hábito de ler para a formação do cidadão, formação que, a curto, médio e longo prazo, era o papel que se esperava do sistema escolar e da então utilização dos contos e histórias infantis.

A partir daí, dentro desse espírito de mudanças surgiram vários programas de nacionalização, os quais aderem à temática urbana, tendo crianças como personagens centrais que, através de variadas situações e aventuras iam desenvolvendo o sentimento de família, noções de obediência, prática das virtudes civis, sendo formadas crianças moldadas e pouco críticas, cuja presença nos livros parece cumprir a função de contagiar todos com iguais virtudes e sentimentos.

Teve grande destaque em regenerar esse conceito de molde para as crianças, Olavo Bilac ou Tales de Andrade na literatura infantil, fazendo a inversão de valores ideológicos, com isso assume um compromisso com a modernidade centralizando sua preocupação em valores menos tradicionais e mais liberais.

Os contos de fadas são elementos essenciais da narratividade no ensino infantil, pois são histórias que fazem parte da cultura oral, cujos enredos se passam em um tempo e espaço indeterminados

No núcleo das ações, temos um herói ou heroína que, por sua iniciativa própria ou desígnio do destino, empreende uma trajetória difícil, permeada de provas, cuja superação leva ao sucesso final.

A Literatura Infantil deve ser considerada como um item importante na formação do indivíduo e no desenvolvimento da aprendizagem durante a infância, ressalta-se a diferenciação entre ela ser utilizada como instrumento de desenvolvimento da aprendizagem e como aparato para alfabetização, pois este último é o modo mais habitual trabalhado na escola.

Pois a literatura infantil é uma ferramenta fundamental na constituição do leitor. "Mas quando utilizada de forma maçante e com um único intuito de alfabetizar, pode provocar sérios danos à formação do indivíduo e a sua capacidade de interpretação seja literária ou da leitura de mundo, assim sendo acredita-se que o aprendizado da leitura se dá a partir das experiências pessoais, devemos, entretanto ir além deste contexto individual". (ZIBERMAN, 1984, p.32)

O poder de imaginação e de crença das crianças são fatores que devem ser levado em consideração principalmente quando a proposta é de trabalhar literatura.

Cabe a nós educadores não buscarmos as mesmas respostas que de um adulto, mas também não subestimá-los, pois a prática social e cotidiana da leitura pode ser estimulada com diferentes textos, adequando a modalidade aos propósitos específicos.

A diversidade é importante para formar o leitor, já que abre diferentes portas de entrada para o mundo da leitura.

A prática da leitura e a produção da escrita, no âmbito escolar, são iniciadas na pré-escola e fundamentalmente nas séries do ensino fundamental.

O trabalho da leitura nas séries da educação infantil é extremamente importante no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança. Contudo, esta não tem ocupado o espaço que merece.

A cultura das letras não tem sido tratada com o devido cuidado por boa parte dos profissionais que atuam na educação infantil contemporânea embora haja uma movimentação no sentido de reafirmar sua importância.

Diante desse contexto, um dos desafios é formar, de fato, pessoas que praticam a leitura e não apenas sujeitos que sabem decifrar o código da escrita. Ou seja, essa relação estritamente escolar e obrigatória que boa parte das crianças têm com a leitura precisa ser complementada com a sua prática cultural e social.

CAPÍTULO II

TRABALHANDO O TEATRO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR NO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

O teatro tem sido um instrumento de grande importância para o desenvolvimento da auto-estima das crianças. E a auto-estima negativa é uma das bases de grande parte dos problemas apresentados no campo emocional e, conseqüentemente, no campo cognitivo dos alunos e alunas.

Esses problemas afetam diretamente o desempenho das crianças em sala de aula. Por isso as escolas deveriam adotar esse sistema de aprendizagem onde a criança pode melhorar o seu eu, e o seu desenvolvimento.

2.1 – Teatro na escola: linguagens e produção do sentido

“O teatro como meio didático oferece a oportunidade para que os alunos conheçam mais a si próprios e aos outros que os cercam, operando a arte como um processo coletivo”. (REVERBEL, 1999, p. 22).

Ao construir cenas e exercitar a improvisação, os alunos recriam cenas vividas por eles, cenas cotidianas, utilizam a imaginação, a criatividade e a percepção para desenvolverem um olhar diferenciado sobre si mesmos e sobre as situações cotidianas.

É compartilhando descobertas, sentimentos, idéias e atitudes que os alunos estabelecem uma relação entre sua própria individualidade com a coletividade, desenvolvendo melhor a socialização.

Segundo KOUDELA:

“Devemos observar que a prática teatral escolar deve ter como base a observação e a improvisação” (KOUDELA, 1992, p. 12).

O teatro na escola não busca a formação de atores, mas o constante exercício da prática social dos alunos, permitindo que eles trabalhem melhor em conjunto, se expressem com mais desenvoltura e, obviamente, desenvolvam sua consciência crítica.

Podemos, portanto, pensar neste projeto didático como um jogo teatral que busca a familiarização dos alunos com a linguagem corporal, a presença de cena e os aspectos de produção coletiva. Portanto, propomos uma série de exercícios que desenvolvam a capacidade do aluno de produzir, dialogar e interagir com o seu grupo.

O Teatro na educação é um espaço a ser conquistado. No Brasil, existe um número reduzido de instituições de ensino que inseriram a atividade teatral em suas escolas, algumas apresentam o Teatro no currículo outras, em forma de Oficinas. Embora existam educadores que acreditam na força que o Teatro tem para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno ainda há um grande número de escolas que não aceitam, não acreditam e não dão o devido valor ao exercício teatral no processo educativo do aluno.

O educador precisa lutar por uma educação que apresente um programa de estudos e vivências com a atenção voltada muito mais para as integrações de significados do que para a mera acumulação de conhecimento, fomentando no educando a produção de sentidos e significados.

Para Freire (1996, p. 46):

(...)o educador deve propiciar o meio adequado para que os educandos em suas relações intrapessoais e interpessoais busquem “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de amar” .

O Teatro é um recurso valioso. Utilizar o Teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno.

Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. O Teatro amplia o horizonte dos alunos, melhora sua

auto-imagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem.

O Teatro a serviço da educação dá ao educando o ensejo de valorizar-se, de integrar-se harmoniosamente a um grupo, aumentando o senso de responsabilidade e o sucesso do trabalho se dá devido à soma dos esforços de todo o conjunto. É o momento em que ocorre o desenvolvimento de cada um e do grupo, fundamentado na complementaridade das diferenças.

A atividade teatral ensina aos educandos a aprenderem com a diversidade, pois somente assim é que pode ocorrer a construção do conhecimento do sujeito. Nos dias atuais, vive-se uma época de comunicação ostensiva, extensiva e impulsiva e o Teatro desenvolve nos alunos a expressividade.

De acordo com Reverbel (1997, p. 168) “é preciso lutar para que o Teatro tenha seu lugar na Educação, porque se ele existe na sociedade, deve existir na escola”.

O Teatro é o caminho para as escolas atingirem uma integração entre os sujeitos de forma criativa, produtiva e participativa, é um recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento do educando, preparando-o a discernir os problemas em que ele irá enfrentar na sua trajetória de vida.

O Teatro na Escola tem uma importância fundamental na educação e nas aulas de Educação Física. Ele permite ao aluno uma enorme “gama” de aprendizados podendo citar como exemplos, a socialização, a criatividade, a coordenação, a memorização, o vocabulário e muitos outros.

Através do teatro, o professor pode perceber traços da personalidade do aluno, seu comportamento individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento e essa situação permite ao educador, um melhor direcionamento para a aplicação do seu trabalho pedagógico.

2.2 - Os jogos dramáticos: aprendendo a fazer teatro

Os jogos dramáticos assentam na improvisação e destinam-se a encorajar o envolvimento e cooperação em grupo. Tudo o que é necessário é vontade de se divertir e experimentar a alegria de interagir com os outros. Um jogo dramático não é

uma peça de teatro. É uma forma dinâmica de entretenimento em que se confere expressão dramática aquilo que se imagina.

São jogos divertidos e relaxantes que encorajam a criatividade e a expressão

Estes jogos não-competitivos incluem jogos de apresentação, jogos de sensações, jogos de pantomima, jogos narrativos, jogos de sons, jogos com máscaras, jogos com disfarces e muitos outros. Segundo REVERBEL:

Cada um tem indicações precisas das idades aconselhadas, do tempo médio de duração de jogo e sugestões. Podem ser jogados por crianças e adultos e são suficientemente flexíveis para serem usados por pais, professores, animadores, orientadores de grupo em todo o tipo de situações.(REVERBEL, 1999, p. 5).

Num jogo dramático vive-se num mundo diferente do nosso, e usamos a nossa imaginação para representar algo através das nossas ações. Representar o que criamos é uma parte muito importante dos jogos dramáticos.

Os jogos dramáticos são relaxantes, desenvolvem a criatividade e a personalidade, contribuindo para o desenvolvimento social e emocional e a expressão oral e física. Num jogo dramático as crianças exploram o mundo à sua volta representando e contando histórias junto com os outros de forma instrutiva. Aprendem a relacionar-se com os outros e a desenvolver idéias em grupo e individualmente.

“Para iniciar o trabalho com teatro interessante é primeiramente desenvolver os jogos dramáticos, para que o aluno aprenda desenvolver suas ideias em grupo principalmente” (KOUDELA, 1992, p. 7).

Dramatizar a realidade é apropriar-se dela para poder entender a vida, os diferentes papéis sociais e as relações entre eles. O teatro na Educação infantil trata-se mais de um grande jogo dramático, onde brincando exercitam outros tons de voz testam à autoridade ou a submissão, a coragem e o medo. Fantoques, marionetes, fantasias e maquiagens contribuem para esse exercício de faz de conta e também compõem esse delicioso cenário.

2.3 - Atividades de dramatização em grupo

Na dramatização escolar este elemento é essencial, pois é o professor(a) quem sugere o tema que é tema de determinada matéria. Da maneira de

encaminhar e orientar o assunto é que se vai ver o grau de maior ou menor espontaneidade demonstrada pela criança na dramatização. O professor escolhe ou sugere o tema, narrando-o ou lendo à classe, e prepara o clima em que os alunos vão trabalhar.

A dramatização é mais espontânea quanto maior for a contribuição trazida pela criança, quanto mais criador for o seu jogo, não só quanto à linguagem (palavras suas), mímica (gestos seus) e Marcação de cena (movimentação), e também (no caso de atividade correlatas) quanto à iniciativa de pesquisa e outras atividades. O professor deve preparar o assunto e levar aos alunos, proporcionando-lhes um clima favorável à representação espontânea.(KAUDELA,1999).

A Educação Infantil tem evoluído muito nas últimas décadas, em todos os seus aspectos. Sabemos mais sobre as crianças, sobre a formação da inteligência, sobre sua relação com a família e o conhecimento.

As dramatizações são atividades orientadas e possuem um fundo conceitual, dão oportunidade à criança para vivenciar situações que possibilitam a construção do conhecimento e o desenvolvimento de uma expressão ampla, verbal, gestual, criadora.

Viver uma história, imitar, fantasiar na imaginação e na realidade, refletir-se na própria ação, dividir, esperar e reconhecer a ação de um companheiro ou um grupo, tudo isso faz parte do campo de experiências das dramatizações.

Essa forma lúdica de aprender tem profundas implicações no amadurecimento das crianças. Tais atividades conduzem ao aumento do poder de análise e síntese, permitem o exercício da associação de idéias, da organização corporal e do pensamento.

As dramatizações dão ainda às crianças uma chance real de brincar com outras possibilidades de ser e de agir, favorecem a formação da identidade e mostram, na prática, a importância dos valores, as conseqüências.

2.4 Tipos de Atividades com Teatro

2.4.1 Teatro de Máscaras

O homem usa máscaras desde a Pré-História nos rituais religiosos. Na África, elas são esculpidas em madeira e pintadas. Já os índios americanos fazem-nas de

couro pintado e adornos de penas. Na Oceania, são feitas de conchas e madeira e com madrepérolas incrustadas.

Existe um tipo muito antigo de máscara que é aquela desenhada no próprio rosto com tintas especiais, maquiagens e pinturas.

Este tipo é muito utilizado pelos índios e pelos africanos nos seus rituais religiosos, de guerra, festas , etc.. Na China, as cores das máscaras representam sentimentos e no Japão, os homens usavam máscaras representando personagens femininos. “Em Veneza, no século XVIII, o uso de máscaras tornou-se um hábito fazendo parte do vestuário da época.No Brasil, as máscaras são usadas nas festas folclóricas e no carnaval”. (REVERBEL,1999, p.10).

As crianças gostam muito de vestir máscaras, principalmente de super-heróis que elas vêem na TV. O importante é deixar que elas confeccionem as máscaras em sala de aula ou no pátio da escola.

Para a confecção, podem-se usar sacos de papel, cartolinas, tecidos, tintas, pratos de papelão, jornal, material de sucata, etc.. Esta atividade não é difícil de ser executada e será prazerosa para as crianças, pois elas poderão representar uma história com um material que elas mesmo elaboraram, pois estarão criando e recriando à sua própria dialética.

O teatro de máscaras promove a recreação, o jogo, à socialização, melhoria na fala da criança, desinibição dos alunos mais tímidos.

Quando o trabalho em aula exigir o uso da palavra, a máscara a ser utilizada é aquela que cobre os olhos e o nariz deixando a boca livre, permitindo que a voz saia clara, exibindo a sua expressão verbal.

As crianças representando com o rosto oculto, se permitem viver o enredo dos próprios personagens e o cotidiano social a que pertence.

2.4.2 Teatro de Sombras

O teatro de sombras é uma arte muito antiga, originária da China e se espalhou pelos países da Europa. Este tipo de teatro ainda é pouco conhecido no Brasil. É uma atividade muito divertida que estimula a criatividade da criança.

Para realizar o teatro de sombras é necessário ter como material: uma fonte luminosa, uma tela (ou um lençol bem esticado) e silhuetas para serem projetadas.

As lâmpadas indicadas são as de 40 ou 60 watts, transparentes, dentro de latas de óleo para possibilitar a concentração da luz.

A tela deve ser de um tecido totalmente branco e não transparente.

Como silhueta, pode-se usar fantoches de varas recortados em papel cartão, cartolina ou papel grosso. Pode-se também utilizar outros objetos. Os fantoches movimentam-se atrás do papel, projetando a sombra. As crianças ficam atrás do palco interpretando a história, participando na movimentação dos bonecos, além de poderem confeccionar o material do teatro.

Outra atividade relacionada ao teatro de sombras, são as sombras feitas através das mãos onde se projetam com elas, as sombras numa parede, formando figuras de animais em movimento como abrindo e fechando as asas, a boca, mexendo as orelhas.

Cada aluno cria as mais diversas figuras, compara-as com as dos colegas, fala sobre as sombras projetadas.

O teatro de sombras proporciona o desenvolvimento da criatividade e da motricidade das mãos na criança, importante no período da pré-escola e da alfabetização.

Para que aconteça o teatro de sombras com as mãos, é necessário que o ambiente esteja escuro, iluminado somente com uma lâmpada ou uma vela acesa.

2.4.3 Teatro de Fantoches

O teatro de bonecos tem sua origem na Antigüidade. Os homens começaram a modelar bonecos no barro, mas sem movimentos e aos poucos foram aprimorando esses bonecos, conseguindo mais tarde a articulação da cabeça e membros para fazer representações com eles. Na China, Índia e Java já existia o teatro de boneco

Na Grécia Antiga, os bonecos não só tinham uma importância cultural, mas religiosa também. A cultura grega do teatro de bonecos foi assimilada pelo Império Romano e se espalhou por toda a Europa.

Na Idade Média, os bonecos eram utilizados em feiras populares e nas doutrinas religiosas.

“Na Itália, o boneco “maceus” antecessor do polichinelo, era o boneco mais popular. Na América, os fantoches foram trazidos pelos colonizadores, apesar dos

nativos já fazerem bonecos articulados e que imitavam os movimentos dos homens e dos animais”(REVERBEL, 1999, p. 5).

Depois da Primeira Guerra, os bonecos articulados por fios, varas e marionetes começaram a ser utilizados nas escolas americana e tcheca e no Brasil, as representações com bonecos datam do século XVI.

No Nordeste, o teatro de bonecos apareceu principalmente em Pernambuco, onde a tradição permanece até os dias de hoje. Somente em meados do século XX é que o teatro de bonecos se consolidou fortemente em nosso país.

Para a confecção dos fantoches são utilizados vários tipos de material inclusive sucata, que pode ser um recurso muito bem aproveitado e sem custos para o professor e para a escola, pois pode ser trazido pelos próprios alunos, o que tornaria a atividade de confeccioná-los ainda mais interessante.

Tudo poderá ser aproveitado. Tachinhas, fita crepe, latas, sacos, durex, esparadrapo, rolos de papel higiênico vazios, tintas, etc.

Um outro recurso é utilizar as próprias mãos como fantoches, não necessitando de um material elaborado. Basta desenhá-lo na própria mão com caneta esferográfica, carvão, tintas especiais, etc.. O uso de várias cores tornará os bonecos mais alegres.

Pode-se acrescentar acessórios às figuras enfeitando as mãos e os dedinhos das crianças. Como exemplo, lã, chapéu, meias, penas. Outros tipos também são muito utilizados como mãos com luvas, costas das mãos, fantoches de copinhos, de meias, de garrafas e até mesmo de galhos de árvores e flores.

O professor deve incentivar os alunos a explorar todos os movimentos dos dedos, mãos e braços, criando uma atmosfera do conhecimento do próprio corpo. Para isso, a utilização de músicas populares, folclóricas ou clássicas são fundamentais para que o trabalho com o fantoche seja desenvolvido, além do diálogo, desenvolvido entre os participantes.

2.4.4 Teatro de Varas

Este teatro é uma variação do teatro de fantoches. É considerado um fantoche de vara. Os bonecos são mais simples, mais baratos e de confecção mais fácil. Como característica principal, são geralmente sustentados por uma vara.

Podem ser confeccionados com cartolinas, bolinhas de isopor, de papel, colher-de-pau, palitos de churrasco, garfos vestidos com roupas de pano, palitos de picolé, copinhos de plástico sustentados por palitos.

O fantoche de cone é um tipo de boneco muito encontrado em feiras livres e circos populares, podendo representar uma figura humana ou um animal, geralmente sobre a forma de um palhaço ou pierrô. É uma variação do fantoche de vara, basta segurá-los pela vareta e dar-lhes o movimento de acordo com a situação.

2.4.5 Pantomima

A pantomima pode ser considerada um jogo teatral que é realizado por cenas de ação dramática que se caracterizam por explicação da ação através do gesto. Podemos exemplificar essa afirmação através deste exemplo: a primeira atividade proposta foi a de arrumar uma casa; os elementos foram entrando e ordenando aos cantos da cada, e ao final de cada um estava fazendo alguma coisa- ou lendo um livro, ou cozinhando, ou escutando música. (WEIGEL, 1988, p. 12).

A atividade do segundo jogo era colocar água num copo e bebe-la. Mas, assim que subiram mais jogadores ao palco estourou-se a disputa pela água.

No terceiro jogo, a atividade era tocar um instrumento, e os jogadores subiam ao palco tocando cada um seu instrumento, até que um dos participantes regeu a orquestra, que passou a existir em função do estabelecimento de uma ordem mais ampla, fixando uma relação lógica da cena.

Algo mais próximo ao jogo da atividade foi atingido quando um dos jogadores subiu ao palco e propôs atividades de “tecer”. Mas ainda que o grupo elaborou um cenografia, configurando um oficina de tecelagem, na qual eram desenvolvidas as mais diferentes atividades, desde dobrar panos até crochê ou costura à máquina. Somente numa fase posterior, quando voltamos ao jogo da atividade, o grupo manteve o foco solicitado pelo jogo.

Quando o foco na atividade foi descoberto pelo grupo, houve seleção e detalhamento no gesto, o que provocou uma modificação na atuação. Em comparação com o primeiro momento, quando há disputa pela água gerava um clima quase frenético, demonstrando a preocupação de fazer alguma coisa no palco, o segundo revelava um relaxamento de tensão, o que favorecia o surgimento de

ações improvisadas. As imposições individuais e a linearidade da narrativa cederam lugar a autenticidade do jogo.

2.5 - O teatro como proposta Lúdica focando o interesse da criança em aprender

A escola é um ambiente pedagógico, ou seja, é um lugar de fascinação e criatividade, onde a invenção dá asas a imaginação. É primordial propiciar doses de entusiasmo para que o processo de aprender aconteça em todos os sentidos.

É de grande importância trabalhar o teatro na escola, principalmente no ensino infantil, pois esta atividade auxilia no melhor desempenho e desenvolvimento do aluno, e muitas vezes desperta interesse no aprender.

“As modalidades de teatro aplicadas na escola focam uma proposta de ensino diferente da forma tradicional”. (CUNHA, 2001, p. 16).

Podem estimular o aluno em diversas matérias, servindo, por exemplo, como uma variação da forma de ensinar educação física - embora, nesta situação específica se esteja mais a desenvolver um trabalho de mímica e de teatro-dança e não exatamente de teatro enquanto arte de expressão dramática.

São várias as adaptações das formas em se trabalhar como teatro são elas: pantonímima; teatro de fantoches e teatro de máscaras.

A pantomima pode ser considerada um jogo teatral que é realizado por cenas de acção dramática que se caracterizam por explicação da acção através do gesto.

Os fantoches utilizados pelos alunos na escola seguindo a orientação de um professor têm um papel importantíssimo na educação, pois eles podem ajudar a desenvolver vários aspectos educacionais principalmente aos que estão relacionados à comunicação e a expressão sensório-motora. O professor deve deixar a criança manipular os bonecos à vontade. Aos poucos, a criança irá sentir uma vontade de criar uma fala, um diálogo para aquele boneco, aliando o movimento dele com a palavra.

Já o teatro com máscaras é muito antigo, e é utilizado pelas máscaras desenhada no próprio rosto com tintas especiais, maquilhagens e pinturas.

Sendo assim, o educador precisa lutar por uma educação que apresente um programa de estudos e vivências com a atenção voltada muito mais para as integrações de significados do que para a mera acumulação de conhecimento, fomentando no educando a produção de sentidos e significados. Para Freire:

(...) o educador deve propiciar o meio adequado para que os educandos em suas relações intrapessoais e interpessoais busquem “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de amar (...)” (FREIRE, 1996, p. 46).

Utilizar o Teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações, pois é um meio de expressão para o aluno.

Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo.

É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. O Teatro amplia o horizonte dos alunos, melhora sua auto-imagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vivem.

O Teatro é o caminho para as escolas atingirem uma integração entre os sujeitos de forma criativa, produtiva e participativa, é um recurso pedagógico eficaz no desenvolvimento do educando, preparando-o a discernir os problemas em que ele irá enfrentar na sua trajetória de vida.

CAPÍTULO III

O PAPEL DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Por seu poder criador e liberador, a música torna-se um poderoso recurso educativo a ser utilizado na Pré-Escola. É preciso que a criança seja habituada a expressar-se musicalmente desde os primeiros anos de sua vida, para que a música venha a se constituir numa faculdade permanente.

Para Brécia (2003) a musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, auto-disciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro. Weigel (1988) e Barreto (2000) afirmam que atividades podem contribuir de maneira indelével como reforço no desenvolvimento cognitivo/lingüístico, psicomotor e sócio-afetivo da criança, da seguinte forma:

Desenvolvimento cognitivo/lingüístico: a fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual.

Nesse sentido, as experiências rítmico musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças.

Ao trabalhar com os sons ela desenvolve sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons ela está descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive.

Desenvolvimento psicomotor: as atividades musicais oferecem inúmeras oportunidades para que a criança aprimore sua habilidade motora, aprenda a controlar seus músculos e mova-se com desenvoltura.

O ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Isto porque toda expressão musical ativa age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões.

Qualquer movimento adaptado a um ritmo é resultado de um conjunto completo (e complexo) de atividades coordenadas.

Por isso atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas, pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Desenvolvimento sócio-afetivo: a criança aos poucos vai formando sua identidade, percebendo-se diferente dos outros e ao mesmo tempo buscando integrar-se com os outros. Nesse processo a auto-estima e a auto-realização desempenham um papel muito importante.

Através do desenvolvimento da auto-estima ela aprende a se aceitar como é, com suas capacidades e limitações. As atividades musicais coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito de grupo. Além disso, ao expressar-se musicalmente em atividades que lhe dêem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e auto-realização.

É importante salientar a importância de se desenvolver a escuta sensível e ativa nas crianças.

Mársico (1982) comenta que nos dias atuais as possibilidades de desenvolvimento auditivo se tornam cada vez mais reduzidas, as principais causas são o predomínio dos estímulos visuais sobre os auditivos e o excesso de ruídos com que estamos habituados a conviver.

Por isso, é fundamental fazer uso de atividades de musicalização que explorem o universo sonoro, levando as crianças a ouvir com atenção, analisando, comparando os sons e buscando identificar as diferentes fontes sonoras. Isso irá desenvolver sua capacidade auditiva, exercitar a atenção, concentração e a capacidade de análise e seleção de sons.

As atividades de exploração sonora devem partir do ambiente familiar da criança, passando depois para ambientes diferentes. Por exemplo, o educador pode pedir para que as crianças fiquem em silêncio e observem os sons ao seu redor, depois elas podem descrever, desenhar ou imitar o que ouvirem. Também podem fazer um passeio pelo pátio da escola para descobrir novos sons, ou aproveitar um passeio fora da escola e descobrir sons característicos de cada lugar.

O educador também pode gravar sons e pedir para que as crianças identifiquem cada um, ou produzir sons sem que elas vejam os objetos utilizados e pedir para que elas os identifiquem, ou descubram de que material é feito o objeto (metal, plástico, vidro, madeira) ou como o som foi produzido (agitado, esfregado, rasgado, jogado no chão).

Assim como são de grande importância as atividades onde se busca localizar a fonte sonora e estabelecer a distância em que o som foi produzido (perto ou longe).

Para isso o professor pode pedir para que as crianças fiquem de olhos fechados e indiquem de onde veio o som produzido por ele, ou ainda, o professor pode caminhar entre os alunos utilizando um instrumento ou outro objeto sonoro e as crianças vão acompanhando o movimento do som com as mãos.

Além de contribuir para deixar o ambiente escolar mais alegre, podendo ser usada para proporcionar uma atmosfera mais receptiva à chegada dos alunos, oferecendo um efeito calmante após períodos de atividade física e reduzindo a tensão em momentos de avaliação, a música também pode ser usada como um recurso no aprendizado de diversas disciplinas.

O educador pode selecionar músicas que falem do conteúdo a ser trabalhado em sua área, isso vai tornar a aula dinâmica, atrativa, e vai ajudar a recordar as informações. Mas, a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e um bem cultural.

A escola deve ampliar o conhecimento musical do aluno, oportunizando a convivência com os diferentes gêneros, apresentando novos estilos, proporcionando

uma análise reflexiva do que lhe é apresentado, permitindo que o aluno se torne mais crítico. Conforme Mársico (1982, p.148):

[...] uma das tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sócio-cultural de que provenha.

As atividades musicais realizadas na escola não visam a formação de músicos, e sim, através da vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

A esse respeito Katsch e Merle-Fishman apud Bréscia (2003, p.60) afirmam que “[...] a música pode melhorar o desempenho e a concentração, além de ter um impacto positivo na aprendizagem de matemática, leitura e outras habilidades lingüísticas nas crianças”.

Além disso, como já foi citado anteriormente, o trabalho com musicalização infantil na escola é um poderoso instrumento que desenvolve, além da sensibilidade à música, fatores como: concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina. Conforme Barreto (2000, p.45):

Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar (inibição psicomotora, debilidade psicomotora, instabilidade psicomotora, etc.). Por isso é tão importante a escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento.

Gainza (1988) afirma que as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos:

Físico: oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga; Psíquico: promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro; Mental: proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

Para Bréscia (2003, p. 81) “[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”.

3.1 - A música e o desenvolvimento afetivo

Segundo Bréscia (2003), “ (...) a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações

Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas seriam usadas em rituais, como: nascimento, casamento, morte, recuperação de doenças e fertilidade. Com o desenvolvimento das sociedades, a música também passou a ser utilizada em louvor a líderes, como a executada nas procissões reais do antigo Egito e na Suméria.

Na Grécia Clássica o ensino da música era obrigatório, e há indícios de que já havia orquestras naquela época. Pitágoras de Samos, filósofo grego da Antigüidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. “Pitágoras demonstrou que a seqüência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, p. 31, 2003).

Atualmente existem diversas definições para música. Mas, de um modo geral, ela é considerada ciência e arte, na medida em que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações. Houaiss apud Bréscia (2003, p. 25) conceitua a música como: “[...] combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização”.

É importante fazer uma ressalva que toda criança está imersa em um caldo cultural, que é formado não só pela sua família, mas também por todo o grupo social no qual ela cresce.

Nesse sentido, a forma como a música influencia o desenvolvimento de uma criança, por exemplo, é muito diferente da forma como isso se dá com uma criança branca; da mesma forma, uma criança de classe média alta, que freqüenta ambientes nos quais a música é praticada de forma intensa, apresenta características bem diversas de uma criança que se vê vítima da exploração do trabalho infantil.

Inúmeras pesquisas, desenvolvidas em diferentes países e em diferentes épocas, particularmente nas décadas finais do século XX, confirmam que a influência da música no desenvolvimento da criança é incontestável. Algumas delas

demonstraram que o bebê, ainda no útero materno, desenvolve reações a estímulos sonoros.

Ao mesmo tempo em que a música possibilita essa diversidade de estímulos, ela, por seu caráter relaxante, pode estimular a absorção de informações, isto é, a aprendizagem.

Um outro campo de desenvolvimento é o que lida com a afetividade humana. Muitas vezes menosprezado por nossa sociedade tecnicista, é nele que os efeitos da prática musical se mostram mais claros, independentemente de pesquisas e experimentos. Todos nós que lidamos com crianças percebemos isso. O que tem mudado é que agora estes efeitos têm sido estudados cientificamente também

Em pesquisa realizada na Universidade de Toronto, Sandra Trehub (apud CAVALCANTE, 2004) comprovou algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, ficam mais alertas.

“Linguagem musical tem sido apontada como uma das áreas de conhecimentos mais importantes a serem trabalhadas na Educação Infantil, ao lado da linguagem oral e escrita, do movimento, das artes visuais, da matemática e das ciências humanas e naturais”. (WEIGEL, 1998, p. 18).

A música também traz efeitos muito significativos no campo da maturação social da criança. É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. Por exemplo: os acalantos ouvidos por um bebê no Brasil não são os mesmos ouvidos por um bebê nascido na Islândia; da mesma forma, as brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura.

Além disso, a música também é importante do ponto de vista da maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Fanny Abramovich, em memorável artigo, afirma:

Ô ciranda–cirandinha, vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar, quem não se lembra de quando era pequenino, de ter dados as mãos pra muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado, cantado e dançado por horas?

Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, pra cantarolar a Teresinha de Jesus, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga pra saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele pra quem a disputada e amada Teresinha daria, afinal, a sua mão?

E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todos, quando no centro da roda, a menina cantava: “sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o ...(Sérgio? Paulo? Fernando? Alfredo?) para ser meu par”. E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio pra dançar junto com aquela que o havia escolhido... Quanta declaração de amor, quanto ciuminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos. (1985, p. 59)

Essas cantigas e muitas outras que nos foram transmitidas oralmente, através de inúmeras gerações, são formas inteligentes que a sabedoria humana inventou para nos prepararmos para a vida adulta.

Tratam de temas tão complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro, queiram seus pais ou não. São experiências de vida que nem o mais sofisticado brinquedo eletrônico pode proporcionar.

3.2 - A música como fator de influência para melhorar no processo aprendizagem

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as regiões do globo, em todas as culturas, em todas as épocas: ou seja, a música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço.

É por meio do repertório musical que nos iniciamos como membros de determinado grupo social. Por exemplo: os acalantos ouvidos por um bebê no Brasil não são os mesmos ouvidos por um bebê nascido na Islândia; da mesma forma, as

brincadeiras, as adivinhas, as canções, as parlendas que dizem respeito à nossa realidade nos inserem na nossa cultura.

Além disso, a música também é importante do ponto de vista da maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Fanny Abramovich, em memorável artigo, afirma:

Ò ciranda –cirandinha, vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar, quem não se lembra de quando era pequenino, de ter dados as mãos pra muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado, cantado e dançado por horas? Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, pra cantarolar a Teresinha de Jesus, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga pra saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele pra quem a disputada e amada Teresinha daria, afinal, a sua mão? E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todos, quando no centro da roda, a menina cantava: “sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o ...(Sérgio? Paulo? Fernando? Alfredo?) para ser meu par”. E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio pra dançar junto com aquela que o havia escolhido... Quanta declaração de amor, quanto ciúminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos.(1985, p. 59)

Essas cantigas e muitas outras que nos foram transmitidas oralmente, através de inúmeras gerações, são formas inteligentes que a sabedoria humana inventou para nos prepararmos para a vida adulta. Tratam de temas tão complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro, queiram seus pais ou não. São experiências de vida que nem o mais sofisticado brinquedo eletrônico pode proporcionar.

A música é um elemento fundamental nesta primeira etapa do sistema educativo. A criança começa a se expressar de outra maneira e é capaz de integrar-se ativamente na sociedade, porque a música ajuda a ganhar independência nas suas atividades habituais, assumir o cuidado de si mesma e do meio, e ampliar seu mundo de relações.

A música tem o dom de aproximar as pessoas. A criança que vive em contato com a música aprende a conviver melhor com outras crianças, estabelecendo uma comunicação mais harmoniosa. Nesta idade a música as encanta, dá-lhes segurança emocional, confiança, porque sentem-se compreendidas ao compartilhar canções, e inseridas num clima de ajuda, colaboração e respeito mútuo

Na etapa de alfabetização a criança é mais estimulada com a música. Através das canções infantis, nas que as sílabas são rimadas e repetitivas, e acompanhadas de gestos que se fazem ao cantar, a criança melhora sua forma de falar e de entender o significado de cada palavra. E assim, se alfabetizará de uma forma mais rápida.

A música também é benéfica para a criança quanto ao poder de concentração, além de melhorar sua capacidade de aprendizagem em matemática. A música é pura matemática. Além disso, facilita a aprendizagem de outros idiomas, potenciando sua memória.

Com a música, a expressão corporal da criança se vê mais estimulada. Utilizam novos recursos ao adaptar seu movimento corporal aos ritmos de diferentes músicas, contribuindo desta forma na potencialidade do controle rítmico de seu corpo. Através da música, a criança pode melhorar sua coordenação e combinar uma série de movimentos.

A expressão musical desempenha importante papel na vida recreativa de toda criança, ao mesmo tempo em que desenvolve sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta à consciência rítmica e estética.

A música também cria um terreno favorável para a imaginação quando desperta as faculdades criadoras de cada um. A educação pela música proporciona uma educação profunda e total. Segundo Faria:

A música como sempre esteve presente na vida dos seres humanos, ela também sempre está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação. (FARIA ,2001, p. 24).

Cabe aos professores criar situações de aprendizagem nas quais as crianças possam estar em relação com um número variado de produções musicais não apenas vinculadas ao seu ambiente sonoro, mas se possível também de origens diversas, como, de outras famílias, de outras comunidades, de outras culturas de diferentes qualidades: folclore, música popular, música erudita e outros.

As atividades musicais nas escolas devem partir do que as crianças já conhecem, desta forma, se desenvolve dentro das condições e possibilidades de trabalho de cada professor.

A necessidade social do homem de ser aceito por uma organização e de pertencer a um determinado grupo para o qual contribua com seu tempo e talento, é

amplamente satisfeita pela participação num grupo coral. Além disso, este grupo lhe dará grande satisfação e prazer em suas realizações artísticas, beneficentes, religiosas, e desenvolverá nele orgulho sadio, por estar sua pessoa relacionada a um excelente grupo.

Cantar é uma atividade que exige controle e uso total da respiração, proporcionando relaxamento e energização. Fregtman apud Gregori (1997 p. 89) comenta que: “O canto desenvolve a respiração, aumenta a proporção de oxigênio que rega o cérebro e, portanto, modifica a consciência do emissor”.

A prática do relaxamento traz muitos benefícios, contribuindo para a saúde física e mental. De acordo com Barreto e Silva (2004, p. 64): “O relaxamento propicia o controle da mente e o uso da imaginação, dá descanso, ensina a eliminar as tensões e leva à expansão da nossa mente”.

Assim como as atividades de musicalização a prática do canto também traz benefícios para a aprendizagem, por isso deveria ser mais explorada na escola. Brécia (2003) afirma que cantar pode ser um excelente companheiro de aprendizagem, contribui com a socialização, na aprendizagem de conceitos e descoberta do mundo.

Tanto no ensino das matérias quanto nos recreios cantar pode ser um veículo de compreensão, memorização ou expressão das emoções. Além disso, o canto também pode ser utilizado como instrumento para pessoas aprenderem a lidar com a agressividade.

O relaxamento propiciado pela atividade de cantar também contribui com a aprendizagem. Barreto (2000, p. 109) observa que: “O relaxamento depende da concentração e por isso só já possui um grande alcance na educação de crianças dispersivas, na reeducação de crianças ditas imperativas e na terapia de pessoas ansiosas”.

Comenta ainda que crianças com problemas de adaptação geralmente apresentam respiração curta e pela boca, o que dificulta a atenção concentrada, já que esta depende do controle respiratório.

As atividades relacionadas à música também servem de estímulo para crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais.

As atividades de musicalização, por exemplo, servem como estímulo a realização e o controle de movimentos específicos, contribuem na organização do pensamento, e as atividades em grupo favorecem a cooperação e a comunicação.

Além disso, a criança fica envolvida numa atividade cujo objetivo é ela mesma, onde o importante é o fazer, participar, não existe cobrança de rendimento, sua forma de expressão é respeitada, sua ação é valorizada, e através do sentimento de realização ela desenvolve a auto-estima. Sadie apud Bréscia (2003, p.50) afirma que:

As crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo para o alívio da tensão emocional, superando dificuldades de fala e de linguagem. A terapia musical foi usada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controle de respiração e da dicção nos casos em que existe distúrbio da fala.

Já que a música comprovadamente pode trazer tantos benefícios para a saúde física e mental porque a escola não a utiliza mais? Incluí-la no cotidiano escolar certamente trará benefícios tanto pra professores quanto para alunos.

Os educadores encontram nela mais um recurso, e os alunos se sentirão motivados, se desenvolvendo de forma lúdica e prazerosa.

Como já foi comentado, a música ajuda a equilibrar as energias, desenvolve a criatividade, a memória, a concentração, auto-disciplina, socialização, além de contribuir para a higiene mental, reduzindo a ansiedade e promovendo vínculos (BARRETO e SILVA, 2004).

Gregori (1997) explica que harmonia, em música, é uma combinação de sons simultâneos que acompanha a melodia e é construída de acordo com o gosto do compositor.

No cotidiano, inclusive na escola, também se deve buscar harmonizar a síntese dialética corpo/ mente, pois esta também deve propiciar uma maior tomada de conhecimento da consciência corporal, promovendo o equilíbrio do ser e contribuindo para sua integração com o meio onde vive, e a música pode contribuir para isto segundo os avanços das neurociências.

3.3 - Brinquedo de rodas e a música

Brincando de roda, a criança exercita naturalmente o seu corpo, desenvolve o raciocínio e a memória, aprende a lidar com problemas complexos e desenvolve conhecimentos para compreender o mundo.

Com o intuito de se trabalhar, relembrar e transmitir tradições da cultura popular, através das brincadeiras e cantigas de roda, foi desenvolvido um projeto que, além de reviver esse aspecto cultural, visa o trabalho pedagógico realizado por meio das brincadeiras de roda.

Brinquedos cantados ou brincadeiras cantadas são formas mais elementares de dança, nas quais existem ritmo e movimento, a educação através da música além de trabalhar para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças, contribui também para a formação da personalidade do ser humano. É uma atividade completa de grande valor educativo, onde a criança se envolve integralmente.

A dança e a música no ensino fundamental forma uma dupla indispensável para o desenvolvimento da criança, representam a natural expressão de uma infância feliz, e contribui para o desenvolvimento rítmico, corporal, da lateralidade, respiração, percepção visual e auditiva, ajuda também a desenvolver a organização temporal e espacial.

Segundo Weigel:

As brincadeiras cantadas são apresentadas de acordo com o desenvolvimento e a maturidade da criança, brincando de roda exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos. As atividades devem ser realizadas de forma lúdica, respeitando o nível de compreensão das crianças. Os brinquedos cantados mais conhecidos quando crianças são: Roda Cutia, Atirei o Pau no Gato, Ciranda-Cirandinha, Marcha Soldado, O Sapa Não Lava o Pé, Borboletinha, Escravos de Jô, Passa Anel, Boi da Cara preta, etc. Nas datas comemorativas temos: Noite Feliz, Coelhinho da Páscoa, Mãezinha do Céu, enfim são inúmeras cantigas ou canções que escutamos ao longo da nossa infância, as músicas por vezes sofrem modificações ou cortes dependendo de cada região. (WEIGEL, 1988, p. 32).

A criança pode se expressar através de brincadeiras, cantos, danças, procurar a forma e o ritmo para melhor transmitir o que pretende comunicar, adquirir uma nova linguagem que lhe permite transmitir o que sente.

Brinquedos cantados ou brincadeiras cantadas são formas mais elementares de dança, nas quais existem ritmo e movimento, a educação através da música além

de trabalhar para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor das crianças, contribui também para a formação da personalidade do ser humano.

É uma atividade completa de grande valor educativo, onde a criança se envolve integralmente. A dança e a música no ensino fundamental forma uma dupla indispensável para o desenvolvimento da criança, representam a natural expressão de uma infância feliz, e contribui para o desenvolvimento rítmico, corporal, da lateralidade, respiração, percepção visual e auditiva, ajuda também a desenvolver a organização temporal e espacial.

As brincadeiras cantadas são apresentadas de acordo com o desenvolvimento e a maturidade da criança, brincando de roda exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos. As atividades devem ser realizadas de forma lúdica, respeitando o nível de compreensão das crianças.

Os brinquedos cantados mais conhecidos quando crianças são: Roda Cutia, Atirei o Pau no Gato, Ciranda-Cirandinha, Marcha Soldado, O Sapa Não Lava o Pé, Borboletinha, Escravos de Jô, Passa Anel, Boi da Cara preta, etc. Nas datas comemorativas temos: Noite Feliz, Coelhinho da Páscoa, Mãezinha do Céu, enfim são inúmeras cantigas ou canções que escutamos ao longo da nossa infância, as músicas por vezes sofrem modificações ou cortes dependendo de cada região.

A brincadeira cantada é o primeiro passo que a criança dá para a socialização, o resto fica por conta da espontaneidade e do relativo controle infantil, que varia de acordo com grau de sociabilidade ou capacidade de disciplina emocional.

Não se espera que todas as crianças reajam igualmente a um determinado estímulo, não há preocupação da demora em certos casos, para adquirir um bom controle motor.

Por outro lado, algumas crianças são mais ativas que outras, então participam mais, é um método de ensino, tanto para entreter as crianças quanto para avaliar sua sensibilidade e educá-las musicalmente. A criança pode se expressar através de brincadeiras, cantos, danças, procurar a forma e o ritmo para melhor transmitir o que pretende comunicar, adquirir uma nova linguagem (além da verbal, corporal e plástica) que lhe permite transmitir o que sente.

Cantigas de Roda são um tipo de canção popular, que está diretamente relacionada com a brincadeira de roda.

A prática é comum em todo o Brasil e faz parte do folclore brasileiro. Consiste em formar um grupo com várias crianças, dar as mãos e cantar uma música com características próprias, como melodia e ritmo equivalentes à cultura local, letras de fácil compreensão, temas referentes à realidade da criança ou ao seu universo imaginário e geralmente com coreografias.

Elas também podem ser chamadas de cirandas, e têm caráter folclórico. Esta prática, hoje em dia não tão presente na realidade infantil como antigamente devido às tecnologias existentes, é geralmente usada para entretenimento de crianças de todas as idades em locais como colégios, creches, parques, etc.

Há algumas características que elas têm em comum, como por exemplo a letra. Além de ser uma letra simples de memorizar, é recheada de rimas, repetições e trocadilhos, o que faz da música uma brincadeira.

Muitas vezes fala da vida dos animais, usando episódios fictícios, que comparam a realidade humana com a realidade daquela espécie, fazendo com que a atenção da criança fique presa à história contada pela música, o que estimula sua imaginação e memória. São os casos das músicas “A barata diz que tem”, “Peixe vivo” e “Sapo Jururu”.

Em outros casos, algum objeto cria vida, ou fala-se de amor que para as crianças é representado principalmente pelo casamento, já que o exemplo mais próximo delas é o dos pais. Há ainda as que retratam alguma história engraçada, divertida para as crianças.

Contudo, não podemos deixar de destacar as cantigas que falam de violência ou de medo. Apesar de esse ser um tema da realidade da criança, em algumas cantigas ele parece ser um estímulo à violência ou ao medo. Atualmente algumas canções vêm sendo alteradas por pessoas mais preocupadas com a influência das músicas na mente infantil.

Não há como detectar o momento em que as cantigas de roda, já que além de terem autoria anônima, são continuamente modificadas, adaptando-se à realidade do grupo de pessoas que as canta. São também criadas novas cantigas naturalmente em qualquer grupo social.

As cantigas de roda são de extrema importância para a cultura de um local. Através dela dá-se a conhecer costumes, cotidiano das pessoas, festas típicas do local, comidas, brincadeiras, paisagem, flora, fauna, crenças, dentre muitas outras coisas. O folclore de determinado local vai sendo construído aos poucos através não

só de cantigas de roda, mas também de histórias populares contadas oralmente, cantigas de ninar, lendas, etc.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho percebe-se que foi de grande importância estudar e pesquisar sobre as várias formas de oralidade que podem ser usadas na Educação Infantil e que contribuem para o desenvolvimento da criança.

São várias as formas de se trabalhar com trabalhos orais, como a música que auxilia nos vários sentidos da criança, o teatro trabalhando com senso crítico, emotivo e motor, e também o lúdico, como os brinquedos de roda.

Todas essas atividades foram demonstradas neste trabalho com precisão, alcançando assim todos os objetivos aqui propostos, realmente essas práticas da oralidade são fundamentais para a aprendizagem das crianças e para o seu pleno desenvolvimento.

Demonstramos que o teatro deve ser um grande aliado na educação, dando oportunidade aos alunos de ter conhecimento diversificado, tendo auxílio com as atividades lúdicas que expressam sentimentos, emoções criando um mundo de expressão aos alunos.

A música propicia o processo de conhecimento, pois desperta o desenvolvimento da sensibilidade, senso crítico e afetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. Quem educa quem? 5ª. ed. São Paulo: Summus, 1985.

BARRETO, Sidirley de Jesus. Psicomotricidade: educação e reeducação. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BARRETO, Sidirley de Jesus; SILVA, Carlos Alberto da. Contato: Sentir os sentidos e a alma: saúde e lazer para o dia-a dia. Blumenau: Acadêmica, 2004.

BETIELHEIM, Bruno, A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

RÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee . Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FARIA, Ana Lúcia G. de et alii (orgs.). Por uma cultura da infância. Campinas: Autores associados, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.7. GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GREGORI, Maria Lúcia P. **Música e Yoga Transformando sua Vida.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

Kaudela, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva,1992.

YUNES, Eliana. **Leituras e leituras da literatura infantil: por onde começar?** São Paulo: FTD, 1989.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança.** Rio de Janeiro: Globo, 1982.

PERONI, Maria Cecília. **Desenvolvimento do discurso narrativo.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

REVERBEL, Olga Garcia. **Um Caminho do Teatro na Escola.** São Paulo: Editora Scipione, 1999.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TAKEMOTO, Cristiane de Moura Leite. **O discurso narrativo oral: um estudo do papel do reconto.** Universidade Federal do Pernambuco, 2005.

VIGOTISK, L. A. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola.** Porto Alegre: Kuarup, 1988.